

BULLYING SOB A ÓTICA DE JOVENS QUE FREQUENTAM O ENSINO MÉDIO

Adriane Barth - IFMT, campus Rondonópolis

adriane.barth@roo.ifmt.edu.br

Aparecida de França Villwock - Faculdade Centro Mato-grossense

Silvana Rocha Carvalhais - ESFAP, Cuiabá - Mato Grosso

Paulo Sérgio da Cruz - ESFAP, Cuiabá - Mato Grosso

Rafael Leandro P. Mariano Silva - ESFAP, Cuiabá - Mato Grosso

Sidney Ferreira Jaudy - ESFAP, Cuiabá - Mato Grosso

Resumo

O bullying é classificado como um ato de agressão cujo caráter repetitivo afeta física e emocionalmente suas vítimas. O objetivo do presente trabalho foi verificar a percepção de jovens com relação ao bullying em seu cotidiano. Os dados foram obtidos por meio de questionário semiestruturado apresentado a 184 jovens que frequentam o Ensino Médio. Os resultados obtidos demonstraram que os participantes entendem quais ações se caracterizam como bullying, no entanto, percebe-se incongruências com relação ao conhecimento teórico e as ações práticas, pois a maioria considera a prática do bullying como uma brincadeira. A dificuldade em conversar com alguém sobre as agressões sofridas, apontada pelos participantes é preocupante, pois agrava os efeitos do bullying e prolonga a sua ação.

A correlação positiva entre grau de formação formal e atos de bullying, aqui observados, demonstra que educar formalmente a população é uma das ações mais efetivas para mitigar os casos de bullying na sociedade. O bullying tem sido apresentado como um problema de saúde pública e, sendo assim, o combate a essas agressões devem ser entendidas como um compromisso de toda a sociedade, com ações que envolvam principalmente o poder público, as escolas, famílias e entidades sociais.

Palavras-chave: Violência escolar, Agressão psicológica, Educação.

Abstract

Bullying is classified as an act of aggression whose repetitive character affects physically and emotionally its victims. The aim of the present study was to verify the perception of young people regarding bullying in their daily lives. The data were obtained through a semi-structured questionnaire presented to 184 high school student. The results obtained showed that the interviewees understand what actions are characterized as bullying, however, there is a mismatch between theoretical knowledge and practical actions, since most consider the practice of bullying as a joke. The difficulty in talking with somebody about the aggressions suffered, pointed out by the interviewees, is worrisome, because it aggravates the effects of bullying and prolongs its action. The positive correlation between the degree of formal education and acts of bullying, observed here, demonstrates that formally educating the population is one of the most effective actions to mitigate cases of bullying in society. Bullying has been presented as a public health problem and, therefore, combating this aggression must be understood as a commitment of the whole society, with actions involving mainly the public power, schools, families and social entities.

Keywords: School violence, Psychological aggression, Education.

INTRODUÇÃO

Pesquisar O *bullying* é conceituado como um tipo de agressão, principalmente física e psicológica, caracterizada por ações repetitivas e que reforçam estereótipos dos indivíduos. Geralmente apresenta uma relação de poder no qual o autor da agressão utiliza esse comportamento como forma de se impor sobre a vítima e também como um meio de se firmar em um grupo social. As ações de *bullying* podem envolver três grupos de indivíduos: as vítimas, que geralmente apresentam um perfil de fragilidade, como indivíduos tímidos, com baixa autoestima ou depressivos; o agressor, geralmente fisicamente mais forte, com baixa tolerância a frustrações e alta autoestima; os espectadores, que podem ser coniventes com as agressões e se calam por medo de se tornar alvo dos agressores.

Como afeta principalmente a estabilidade emocional, o *bullying* gera uma série de consequências para as vítimas. Considerando que geralmente as agressões atuam intensificando e enaltecendo características tidas como “diferentes”, as ações repetitivas podem levar as vítimas a manifestar crises emocionais, depressão, abandono dos estudos e, em níveis mais graves, ao suicídio ou homicídio.

As agressões ocorrem em ambientes diversos, no entanto a escola se mostra como o principal local onde o *bullying* acontece. Essa correlação é compreensível tendo em vista que a escola é, para muitas crianças, o primeiro local de socialização. É na escola que se intensificam as relações, os conflitos sociais e as delimitações do espaço do indivíduo enquanto ser social.

No Brasil agressões por *bullying* foram reconhecidas legalmente em 2015, o que tem enriquecido as discussões e as tentativas de combater essa prática. No entanto, ações para o combate ao *bullying* não devem se restringir à legislação e sim, envolver a sociedade como um todo, principalmente a escola, família e entidades sociais nas quais estes jovens participam. Diante da importância do tema, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento com jovens que frequentam o Ensino Médio de três escolas no município de Juína, Mato Grosso para visualizar como eles compreendem os atos de *bullying* e como essa prática está presente em seu cotidiano.

MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem utilizada para a obtenção dos dados foi quali-quantitativa. Segundo Creswell (2007), o uso de mais de uma estratégia de investigação envolve a obtenção de dados simultâneos ou sequenciais para melhor compreender os problemas da pesquisa. Os dados foram obtidos por meio de questionário elaborado com perguntas abertas, fechadas e questões dependentes. Questões abertas permitem a liberdade de resposta do informante retirando a influência das respostas pré-definidas pelos pesquisadores. As questões fechadas levam o informante a escolher uma alternativa disponibilizada pelo pesquisador e as questões dependentes proporcionam uma correlação entre as perguntas abordadas no questionário (CHAER et al., 2011). Essa abordagem mais ampla de questões permite maior flexibilização na obtenção das informações e conseqüentemente maior precisão e riqueza de dados.

O questionário contendo 25 questões foi apresentado a alunos do Ensino Médio de três escolas no município de Juína, no estado de Mato Grosso. Para a obtenção dos dados foi escolhida uma Escola Federal na qual são ofertados cursos de Ensino Médio Técnico e os alunos que frequentam são selecionados por um processo seletivo. Outra escola foi uma Escola Estadual que oferece a modalidade de Ensino Médio regular e Ensino Médio Técnico. A terceira escola foi uma instituição de ensino privado e apresenta Ensino Médio regular. Para cada escola foi sorteada uma turma de 1º, 2º e 3º ano para responder ao questionário.

As referidas escolas foram selecionadas, pois apresentam métodos diferenciados para seleção dos alunos, apresentam modalidades de ensino diferenciadas, estão localizadas em diferentes locais da cidade e, possivelmente, apresentam um público com formação cultural e econômica também diferenciada. Esperou-se com esta escolha mitigar possível viés nos resultados relativos à participação unicamente de jovens pertencentes a grupos sociais específicos. Os dados foram organizados em gráficos e, para algumas informações, foram realizadas análises de correlação de Pearson utilizando o *software Action Estatcamp* (ESTATCAMP, 2014).

Os dados obtidos foram agrupados em categorias de acordo com sua especificidade, as quais são apresentadas e discutidas no texto como segue:

- A) Dados gerais da pesquisa e perfil sociocultural dos entrevistados.
- B) Conhecimento sobre o assunto *bullying* por parte dos entrevistados.

- C) Tipos de agressões por *bullying* praticados/sofridos.
- D) Papel da escola nas ações de agressões por *bullying*.
- E) Relação entre renda familiar e formação em educação formal da família.
- F) Efeitos das ações de *bullying* no comportamento das vítimas.
- G) Visão do futuro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos, os atos de *bullying* vêm chamando atenção dos pesquisadores, o que têm aumentado os estudos e as discussões relativos a este tema. Os estudos relacionados ao *bullying* surgiram na Suécia em 1970 despertando o interesse de toda a população pelo problema de agressores e vítimas nas escolas.

No Brasil, o debate a respeito do assunto é bem recente, mas já apresenta medidas de combate a essa prática como a Lei nº 13.185 de novembro de 2015 (BRASIL, 2015) que institui o Programa de combate à intimidação sistemática (*bullying*) em todo território nacional e considera *bullying* como “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidação, humilhação ou discriminação e ataques físicos, causando dor e angústia à vítima”.

Agressões repetitivas, como ocorrem nos casos de *bullying* são muito graves para as vítimas e podem ocasionar danos irreversíveis. Souza e Almeida (2011) apontam que o *bullying* pode ocorrer de maneira direta e indireta. A forma direta implica a exclusão da vítima de seu grupo de pares, fazendo com que haja ataques de estudante contra outro, incluindo palavras, gestos, expressões faciais e contato físico. O *bullying* indireto consiste em ataques morais, fofocas, inventar mentiras, entre outras atitudes que podem levar a vítima ao isolamento social. Os autores enfatizam que há uma clara associação entre as duas maneiras, pois as vítimas de uma ou outra forma de *bullying* podem sofrer os mesmos efeitos nocivos.

Segundo Silva (2010), os agressores escolhem vítimas vulneráveis que apresentam algum tipo de diferença ou desigualdade, podendo ser a partir da classe social, cor, religião, sexualidade, aparência, entre alguns outros fatores. Os agressores geralmente são indivíduos que estão passando por dificuldades pessoais ou familiares e as

agressões os fazem sentir-se melhores, superiores. Ou ainda, os agressores podem “simplesmente” ter má índole.

Atos de *bullying* são muito comuns entre crianças e adolescentes. Uma das possibilidades de identificar se a pessoa está sofrendo agressões é pelo seu comportamento. Vítimas de *bullying* geralmente buscam ficar perto de pessoas que possam protegê-la, ou procuram sempre ficar fora do local onde o agressor possa estar. Podem demonstrar, ainda, desinteresse em ir à escola ou em outros locais, ou até mesmo, apresentar lesões (FISCHER, 2010). As consequências dessas ações para as vítimas são variáveis e dependem muito de cada indivíduo, principalmente da sua estrutura emocional, de vivências, da pré-disposição genética, da forma e intensidade das agressões. Em muitos casos, as agressões deixarão sequelas psicológicas na vida adulta, levando as vítimas a necessitarem de atendimento psicológico e psiquiátrico para superar os traumas. Os sintomas mais comuns observados em vítimas de *bullying* são desinteresse pela escola e problemas psicossomáticos e comportamentais como o transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar e social, ansiedade generalizada, entre outros. Além de causar problemas novos, o *bullying* pode agravar problemas preexistentes em função do estresse a qual a vítima é submetida por tempo prolongado, levando inclusive a quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (SILVA, 2010).

Segundo Lopez-Neto (2005), indivíduos identificados como alvos ou autores de *bullying* apresentam maior probabilidade de desenvolver doença mental, devendo ser considerado como de maior risco as manifestações como hiperatividade, déficit de atenção, desordem de conduta, depressão, dificuldades de aprendizado e agressividade. Esses autores apontam, ainda, que além dos alvos e dos autores de *bullying*, as famílias também devem ser ajudadas, principalmente a entender o problema expondo a elas todas as possíveis consequências advindas dessas agressões. Diante dos efeitos graves observados nas vítimas, o *bullying* é visto atualmente como um problema social e de saúde pública, demonstrando a necessidade de vários estudos na área da psicologia para uma melhor compreensão desse comportamento (FERREIRA et al., 2011). Compreender como os jovens pensam e entendem o *bullying* pode ser uma importante ferramenta para encontrar os caminhos e as ações na busca para minimizar os casos e os danos causados por essa prática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A) Dados gerais da pesquisa e perfil socioeconômico dos entrevistados.

O levantamento foi realizado com 184 alunos frequentadores do 1º a 3º ano do Ensino Médio nas três escolas analisadas. Destes, 46 foram alunos frequentadores da escola privada, 68 da escola pública federal e 70 alunos frequentadores da escola pública estadual. Dos entrevistados, 98 declararam pertencer ao gênero feminino e 86 ao gênero masculino. A renda familiar dos participantes variou de um a 15 salários mínimos.

B) Conhecimento sobre o assunto *bullying* por parte dos entrevistados.

Os dados demonstraram que 96,2% dos adolescentes entrevistados dizem já ter obtido informação sobre *bullying* e os mesmos apontam a escola como principal fonte de informação sobre o tema (40%), seguido de “na televisão”, “na internet” (25% e 20% respectivamente) e “em casa, em conversas com sua família” (15%). Como observado, a principal fonte de informação sobre esse tipo de violência vem de discussões nas escolas, no entanto, segundo Gomes, et al., (2017) centralizar as discussões sobre *bullying* no âmbito escolar não é suficiente e pode comprometer a compreensão do fenômeno. No presente estudo, a observação de que a menor fonte de informação sobre *bullying* é proveniente da família é preocupante tendo em vista o papel crucial que a mesma exerce na formação do indivíduo.

A maioria dos participantes do gênero feminino entende o *bullying* como uma agressão, em contrapartida, quando se analisa o ponto de vista dos participantes do gênero masculino, estes se dividem entre considerar como brincadeira e como agressão (figura 1). De modo geral, todos entendem como *bullying* ações como apelidos de mau gosto; xingamentos; agressões física e psicológica; discriminação por roupas, sexualidade, poder aquisitivo, estrutura física; exclusão de grupos; humilhação; ofensas pela *internet*; brincadeiras ofensivas e não aceitação das diferenças. O alto índice de adolescentes que considera as ações de *bullying* como uma brincadeira é preocupante. Mesmo sabendo elencar as ações que podem ser consideradas *bullying*,

percebe-se que, na prática, eles não as veem como uma violência para com o outro. Observa-se que os adolescentes ainda não estabeleceram um limite entre o que é brincadeira e o que é agressão, o que faz com que comportamentos agressivos surjam, muitas vezes, sem que os mesmos se deem conta.

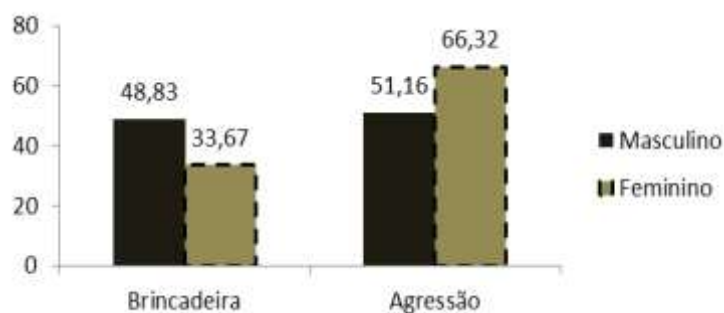


Figura 1 – Gráfico demonstrando como os entrevistados veem a prática de *bullying*. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

Quando questionados com relação a seu envolvimento com *bullying*, verifica-se que a maioria dos participantes já sofreu, mas também já praticou *bullying* (figura 2).

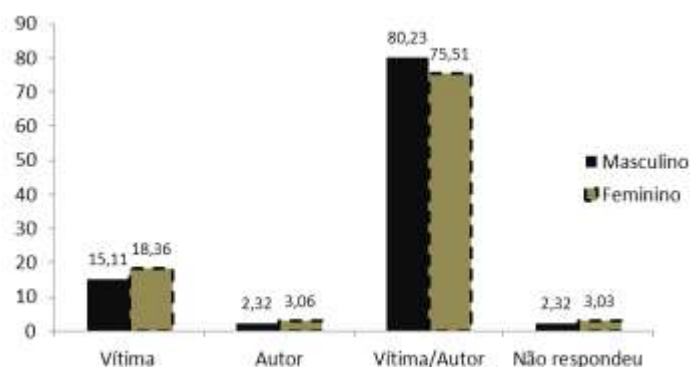


Figura 2 – Gráfico demonstrando a quantidade de entrevistados envolvidos com atos de *bullying*, seja como praticante ou vítima. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

Quando questionados com relação aos motivos pelos quais os mesmos praticaram *bullying*, a maioria respondeu que “por brincadeira” (correspondendo a 67,68%),

seguido de “por não gostar do colega” (correspondendo a 11,35%), como pode ser observado na figura 3. Este dado reforça o observado na figura 1, apontando que os adolescentes ainda não compreendem o *bullying* como sendo um ato de violência.

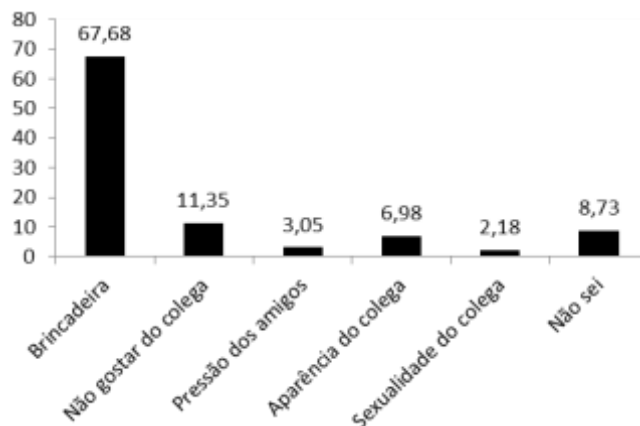


Figura 3 - Gráfico demonstrando os motivos pelos quais os entrevistados já praticaram *bullying*. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

Quando questionados com relação a como se sentem quando cientes de que podem ter magoado alguém devido a sua prática de *bullying*, a maioria diz “se sentir mal” (46,15%), seguido de “se sente culpado” (29,58). Preocupante observar o índice de entrevistados que se dizem “indiferentes” (5,69%) ao sentimento do outro frente a seu ato agressivo ou ainda que dizem “sentir-se bem” (1,55%) ao praticar a agressão (figura 4).

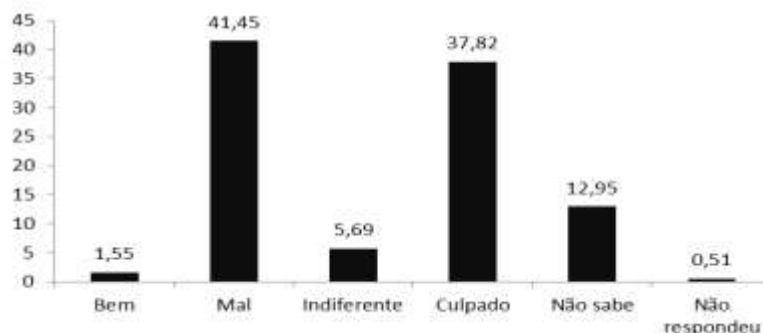


Figura 4 - Gráfico demonstrando como os entrevistados se sentem ao saber que podem ter feito mal a alguém ao praticar *bullying*. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

Percebe-se a partir das respostas obtidas que o tema *bullying* não está claro a grande número de adolescentes. Ao mesmo tempo em que sabem apontar quais ações podem ser consideradas *bullying*, eles as praticam e as consideram como brincadeira. Quando levados a pensar em seus atos (figura 4), eles percebem que estão agindo de maneira inadequada com o colega, uma vez que a maioria diz não se sentir bem com a prática, o que demonstra que, aparentemente, teoria e a prática de *bullying* não estão consolidadas na compreensão dos adolescentes.

Quando foram vítimas de *bullying*, 50% dos entrevistados conversaram sobre a agressão com alguém, sendo que “com os pais” e “com os colegas” foram os mais citados pelos jovens (42% e 41% respectivamente). Direção da escola e professores corresponderam a 25% da procura das vítimas de agressão para tentar solucionar o problema. Quanto àqueles que procuraram ajuda, 80,5% disseram que, ao solicitar ajuda, houve diminuição nas agressões sofridas. Aqueles que dizem ter sofrido *bullying* e não solicitado ajuda apontaram que o medo e a vergonha foram os principais motivos para não contar a ninguém. Medo de que as agressões continuem ou se tornem piores caso eles conversem com alguém. O medo de ser excluído e de perder os amigos também foi apontado por alguns participantes como sendo motivo para permanecer em silêncio.

Alguns relatos dos participantes demonstram, claramente, suas inseguranças em contar para alguém as agressões sofridas, como segue: “Por vergonha, não querer que ninguém me ajude”; “Para não preocupar quem gosto”; “Por medo de passar mal”; “Pois tive receio de trazer problemas para meus pais”; “Por me sentir insegura, com medo de me zoarem mais ainda”; “Por vergonha e medo de acontecer de novo”; “Porque eu sou uma pessoa muito tímida e fechada até com minha família”; “Porque eu não tenho tanto contato com os meus familiares”; “Por não ter coragem de falar com ninguém”.

Ainda, muitos entrevistados acreditam que ignorar as agressões seja uma maneira eficaz de fazer com que o agressor perca o interesse, outros apontam que resolveram sozinhos conversando com o agressor. Foi possível perceber também que muitos veem o *bullying* sofrido como uma brincadeira e, assim, não sentem necessidade de conversar com ninguém. Houve, também, quem acredita que reclamar não iria resolver a situação.

Alguns participantes apontaram que não conversaram com ninguém, pois resolveram a situação devolvendo as agressões na mesma intensidade sofrida ou de maneira mais agressiva, como pode ser observado nos relatos que seguem: “*Eu marquei um por um e me vinguei. Fiz o mesmo, ou pior*”; “*Porque não achei necessário, eu fiz o mesmo*”; “*Resolvi sozinho na rua*”. As colocações observadas demonstram que o *bullying* é uma violência geralmente silenciosa, que agride os pontos mais frágeis da constituição psicológica do indivíduo, podendo causar danos profundos e graves. Além disso, pode desencadear ondas de agressões fazendo com que a violência se torne cíclica devido às vítimas sentirem o direito de revidar com a mesma intensidade da agressão sofrida.

C) Tipos de agressões por *bullying* praticados/sofridos

Os dados obtidos demonstram que existe relação entre os tipos de agressões praticadas e sofridas pelos entrevistados. Em ambos os casos, as principais ações estão relacionadas a prática de apelidos desagradáveis e xingamentos. Com valor significativo, pode-se notar a prática de isolamento e exclusão dos grupos sociais dos adolescentes que é citado por 28,59% dos entrevistados (figura 5).

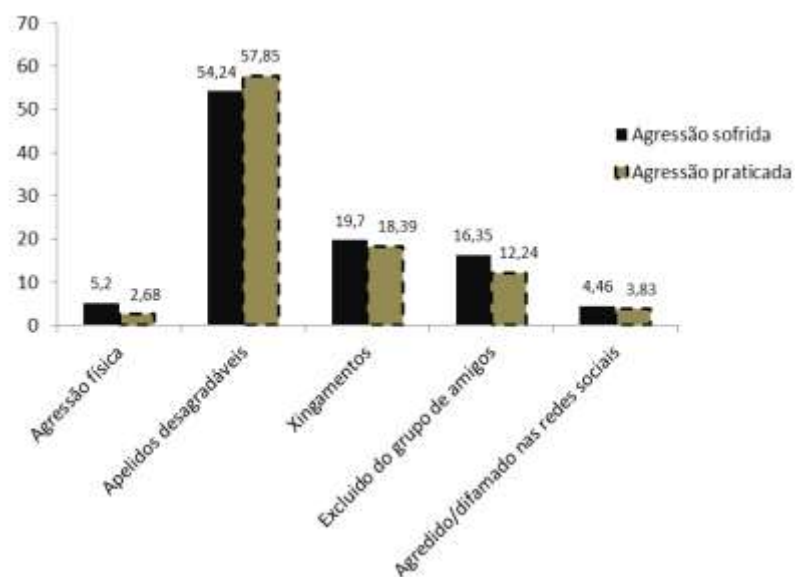


Figura 5- Gráfico demonstrando os tipos de agressões sofridas e praticadas pelos entrevistados. Dados em valores absolutos percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

O *bullying*, tipo de violência caracterizada por sua repetitividade, pode ser identificado nas colocações dos entrevistados, sendo que 36 % deles apontam que a agressão se repetiu por mais de três vezes e um percentual expressivo de 10,3 % dizem que ela acontece “o tempo todo” (figura 6). Interessante observar que 19 % dos entrevistados afirmam que nunca foram vítimas de *bullying* quando, como observado na figura 2, cerca de 5 % se afirmam apenas praticantes de *bullying* e por exclusão, não seriam vítimas. Essa contradição pode ser um indicativo de que muitos adolescentes não conseguem reconhecer as ações de *bullying* sofridas por eles, ou mesmo, nesse caso, na posição de autores de *bullying*, podem preferir não admitir que, muitas vezes, também são vítimas de agressão.

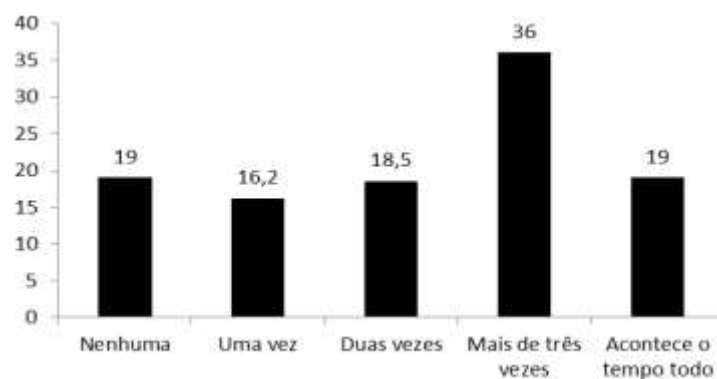


Figura 6 - Gráfico que demonstra a repetitividade das agressões sofridas. Dados em valores percentuais

FONTE: dos autores, 2019.

D) Papel da escola nas ações de agressões por *bullying*

Os dados obtidos demonstram que o ambiente escolar está diretamente relacionado à prática de *bullying*. É nas dependências da escola que ocorreram 75,5% dos casos de agressões citados pelos participantes (Figura 7), sendo que deste percentual, 60% das agressões aconteceram dentro da sala de aula.

Figura 7 - Gráfico que aponta os principais locais onde os atos de *bullying* acontecem. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

É interessante observar que, mesmo que a maioria das agressões por *bullying* acontecem nas dependências das escolas (75,5 %), apenas 25 % das vítimas se sentem seguras para conversar com a direção da escola ou aos professores (figura 8). Este fato pode indicar um distanciamento entre escola e alunos em se tratando deste tema, o que não gera confiança nas vítimas de que, ao denunciar os abusos, serão protegidas das agressões.

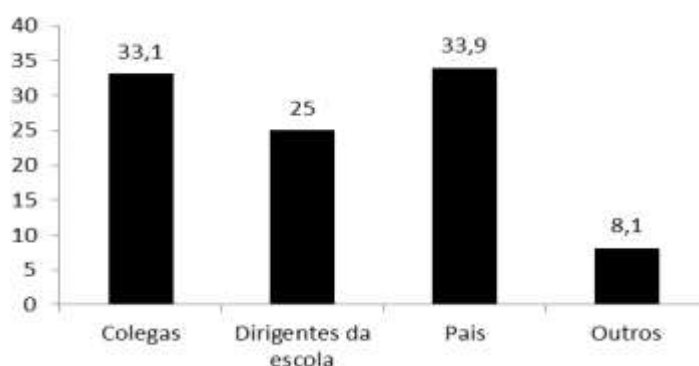


Figura 8 - Gráfico demonstrando com quem as vítimas de *bullying* conversam sobre as agressões sofridas. Dados em valores percentuais.

FONTE: dos autores, 2019.

Quando se analisa as informações relativas às ações que ocorrem “na escola” e que ocorrem “em casa”, percebe-se que a escola aparece como sendo maior fonte de conhecimento sobre o *bullying* quando comparada com a família e também, como esperado, a escola aparece como sendo o principal local onde o *bullying* acontece, embora o *bullying* no ambiente doméstico também tenha sido citado (3%). Por outro lado, a família aparece como refúgio desses adolescentes quando se trata de “com quem eles vão conversar” quando se sentem vítimas de *bullying* (figura 09). Esses dados demonstram o papel da escola e da família na prevenção do *bullying* e amparo das vítimas. Segundo Gomes, et al., (2017) a escola e a família têm um papel imprescindível no controle do *bullying* e ambas as instituições devem dispor de mecanismos que colaborem com a formação crítica e cidadã do indivíduo.

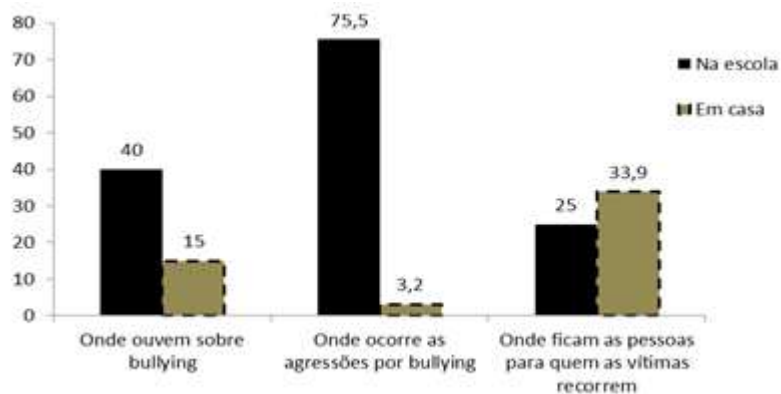


Figura 9 – Gráfico da relação entre “casa” e “escola” nas questões sobre o *bullying*.

FONTE: dos autores, 2019.

E) Relação entre renda familiar e formação em educação formal da família

Com relação ao grau de instrução dos responsáveis pelos alunos participantes, a maioria apresenta Ensino Médio (58,68%), seguido de nível superior (26,94%). A análise de correlação de Pearson demonstrou que existe uma correlação forte e inversamente proporcional relacionada ao grau de escolaridade dos pais e responsáveis ao índice de vitimização dos entrevistados (-0,87) e ao índice de autores de *bullying* (-1), ou seja, quanto menor o grau de escolaridade, maior o percentual de indivíduos que se declaram vítimas de *bullying* e também é maior o índice de participantes que se declaram autores de *bullying* (figura 10). De forma análoga, pode ser feita a interpretação da correlação entre renda familiar e vítimas de *bullying*, entretanto esta se apresentou como uma correlação moderada (-0,57).

Quando comparada a renda familiar e o nível de educação formal dos indivíduos envolvidos (participantes e suas família), percebe-se que o nível de educação formal ao qual a família tem acesso é um caráter que pode exercer mais influência, quanto a estar ou não envolvido com atos de *bullying*, do que a renda familiar. A forte correlação entre nível de educação formal e ações sofridas ou praticadas de *bullying* demonstra a importância da educação para a formação social do indivíduo. Acredita-se que a maior compreensão do funcionamento da sociedade e das diferenças existentes entre os indivíduos que a compõe (em tese, mais provável de ser obtido com um tempo maior e

com maior qualidade na educação formal) são fundamentais para o indivíduo não se enquadrar como vítima ou autor de *bullying*.

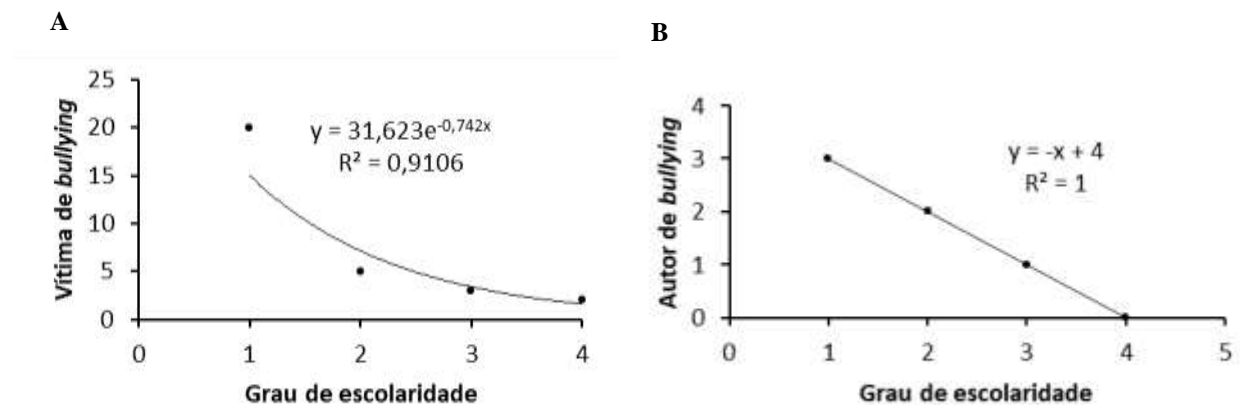


Figura 10 – Gráficos do índice de correlação de Pearson. A) Demonstra a correlação inversamente proporcional com relação ao grau de escolaridade dos responsáveis e o índice de entrevistados que se dizem vítima de *bullying*. Em B), esta mesma correlação relativa aos entrevistados que se dizem autores de *bullying*.

FONTE: dos autores, 2019.

F) Efeitos das ações de *bullying* no comportamento das vítimas.

Quando questionados com relação a como se sentiram ao sofrer as agressões do *bullying*, muitas foram as colocações dos participantes, como segue: muito mal, triste, magoado(a), angustiado(a), deprimido(a), inferior, envergonhado(a), desanimado(a), um lixo, excluído(a), com raiva, como pode ser observado em apontamentos de alguns jovens: “Foi como se houvesse algo de errado comigo”; “Me senti muito triste e fiquei com raiva de mim mesmo. Fiquei pensando que eu teria que ser como eles e assim me sentiria melhor”; “Me senti desanimada, sem interesse para nada”; “Péssima, não me senti nada legal, é como se o mundo te excluísse”; “Me senti invisível, excluído, ignorado, sozinho”; “Tive meu psicológico abalado negativamente”; “Triste, quis mudar meu jeito para me sentir ‘normal’ e no padrão ‘certo’”; “Eu me senti muito mal. Me senti excluído do meu grupo”; “Me senti pequena e excluída, como se todas as pessoas pensavam da mesma forma que os agressores”; “A gente se sente inferior as outras pessoas”; “Desprezado, sem amigos, sozinho”; “Envergonhada, exposta, chateada e com raiva”; “Me senti magoada, me sentindo feia”. Algumas consequências desses

atos também foram apontadas pelos mesmos: “Tive que mudar de escola”; “Tive que ir ao psicólogo”. Um caso de agressão física como autodefesa também foi apontado: “Acertei um soco nele e ele parou”.

G) Visão do futuro.

Os participantes foram questionados com relação a se “as discussões sobre *bullying* nas escolas, em casa e na sociedade pode ter alguma influência sobre as ações dos praticantes de *bullying*” e 65,7% deles acreditam que as discussões podem auxiliar na diminuição das agressões, como pode ser observado em algumas colocações: “Pois com uma conscientização efetiva, um diálogo aberto, as pessoas entenderiam como o *bullying* é ruim, como as vítimas são prejudicadas. Isso poderia parar o agressor, seja por compreensão, intimidação ou outros fatores”; “Tem que ter uma palestra, algo que as pessoas possam se colocar no lugar de quem sofre e os pais devem estar presentes com seus filhos”; “Pois assim irá conscientizar os agressores e as vítimas que isso não é normal”; “As pessoas ficam sabendo de seus direitos”.

Em contrapartida, 34,3 % acham que discussões sobre o tema não tem poder para influenciar o comportamento dos agressores, seja por considerar o comportamento agressivo inerente ao ser humano, ou por descrença devido a não punição aos agressores como muitas vezes presenciado pelas vítimas. Algumas colocações podem ser observadas a seguir: “Conversar não adianta! Pra mim o certo é essas pessoas pagarem pelo que fazem, ou seja, serem punidas pelos seus atos”; “Porque mesmo a pessoa tendo consciência, pratica o ato por achar bonito e por diversão”; “Quem pratica não consegue enxergar a gravidade do ato, pois geralmente considera como brincadeira e não tem empatia pelo agredido”; “Porque isso é uma coisa natural, não é porque você conversa com um ladrão que ele vai parar de roubar. É uma coisa da vida, não tem como evitar”; “Porque eu já ouvi falar muito sobre o *bullying* e até hoje não se resolveu nada. Então, eu acho que daqui pra frente também não mudará”.

CONCLUSÃO

A Lei nº 13.185 busca combater as ações de *bullying* legitimando essa ação como um ato de violência e fomentando ações de formação de profissionais das mais variadas áreas da sociedade para o combate as agressões, bem como campanha de

conscientização da população em geral quanto a problemática. Nesse sentido, discussões que geram maior conhecimento sobre o perfil das vítimas e autores de *bullying*, bem como do cenário que permeia as agressões, podem gerar dados para ações de prevenção que, neste caso, se tornam mais eficazes tanto para vítimas quanto para potenciais agressores.

A percepção de que os adolescentes conhecem a teoria sobre o *bullying*, mas não a relação entre esta e a prática ficou clara nos dados apresentados. Essa constatação demonstra que a discussão está presente nas escolas e na mídia, mas falta sua relação ou identificação clara com as atitudes praticadas e sofridas no dia a dia.

Pode-se perceber que a escola está diretamente relacionada ao tema *bullying* tanto com fornecedora de informações quanto como sendo o principal local onde as agressões ocorrem. Esta relação controversa é preocupante, pois demonstra que as ações praticadas pelas escolas para mitigar os atos de *bullying* não são suficientemente eficazes. Deve-se ressaltar que as ações de inibição das agressões por *bullying* não é papel, unicamente, das escolas que, por si só, não conseguem garantir a educação social dos adolescentes de maneira completa. O combate ao *bullying* deve ser trabalhado pela sociedade como um todo e pelas famílias, ao firmar as primeiras noções de respeito às diferenças e a individualidade de cada um.

O *bullying* hoje é considerado como um problema de saúde pública e que carece de estudos para uma melhor compreensão e contextualização do comportamento dos agressores e das vítimas para criar possíveis intervenções educativas antes e durante as ações, e medidas socioeducativas depois dos atos. Ainda, além dos trabalhos educativos com os adolescentes, as famílias carecem de ações semelhantes, tanto para identificar ações de *bullying* sofridas, como para identificar e compreender ações de *bullying* praticadas pelos seus membros. A partir da compreensão e internalização, por parte dos indivíduos da sociedade em geral, dos direitos individuais e da aceitação das diferenças é que a violência do *bullying* poderá ser reduzida de forma significativa.

Como na maioria dos conflitos sociais, econômicos e culturais, o acesso à educação de qualidade por um tempo significativo também pode ser um caminho eficaz para solucionar os problemas relacionados ao comportamento da prática do *bullying*. Maior nível de educação formal pode fornecer ao indivíduo mais oportunidade de conhecer e compreender seus direitos e deveres individuais, bem como maior acesso a

informação social e cultural, o que pode auxiliar na compreensão, e conseqüentemente, no respeito às diferenças que encontrará no convívio com os demais indivíduos.

AGRADECIMENTOS

Às instituições de Educação Básica que receberam os pesquisadores, aos participantes da pesquisa, ao IFMT e a ESFAP pela estrutura institucional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 13.185** que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*). Novembro de 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em maio de 2019.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ESTATCAMP (2014). **Software Action. Estatcamp - Consultoria em estatística e qualidade**. São Carlos - SP, Brasil. Disponível em: <https://weatherhead.case.edu/academics/courses/statistics-camp/full-time/>. Acesso em: maio de 2019.

FERREIRA, V.; ROWE, J. F.; OLIVEIRA, L. A. Percepção dos professores sobre o fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Psicologia: o portal dos psicólogos**. 2011.

Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0254.pdf>. Acesso em maio de 2019.

FISCHER, R. M. **Bullying escolar no Brasil. Relatório**. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.

GOMES, A. F. B.; DYBAX, A. C.; DORNELES, M. A parceria família-escola em prol das ações contra o *bullying*. **Ensaio Pedagógico**, v.7, n.1, 2017.

SILVA, A. B. B. **Bullying: cartilha**. Conselho Nacional de Justiça: São Paulo, 2010.

SOUZA, C. P.; ALMEIDA, L. C. P. Bullying em ambiente escolar. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, v.7, n.12, 2011

LOPEZ-NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. 2005.